

**INSTITUTO CLÍNICO DE PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA
DE SANTA CATARINA - ICPOL/SC**

**Júlia de Freitas Martins
(orientadora: Flávia Cêra)**

**A DIREÇÃO DO TRATAMENTO E O FURO NO SABER: O LUGAR DO
PSICANALISTA**

**Florianópolis-SC
2025**

1- Introdução

Emaranhado pelos laços da transferência, um analista pode facilmente tropeçar em sua função, se não tiver clareza sobre quais as peças estão em jogo numa análise. Como apontou Lacan, “a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder.”² “Há que saber ser rigoroso porque deve-se intervir de forma sóbria e de preferência eficaz.”³

Freud utilizou a metáfora do jogo de xadrez para indicar a natureza imprevisível de um processo psicanalítico. Assim como no jogo, numa análise só é possível determinar o seu início e o seu fim. O meio contempla um mistério que impossibilita a descrição sistemática de seus movimentos.

Lacan, na mesma linha, não oferece um protocolo que venha reger o tratamento psicanalítico, e orienta todo o seu ensino no sentido de demonstrar que a psicanálise é uma práxis que tem como objeto central o vazio, o real, aquilo que não cessa de não se inscrever.

Porém, se na psicanálise não há um manual, um protocolo claro de orientação sobre a prática, isso não significa que não haja estratégia, nem direção na clínica psicanalítica. Justamente por não se tratar de uma técnica com regras delimitadas, onde bastaria apenas aplicá-las, o lugar do psicanalista está embutido de imensa responsabilidade. O que orienta a prática psicanalítica - a sua política-, é, segundo Lacan, uma ética.⁴ E em que consiste essa ética? Se trata da ética do desejo. A ética do sujeito em face ao seu desejo.

Em relação à estratégia, o meio de operacionalizar essa ética, é a de ocupar “o lugar do morto”⁵. Enquanto sujeito, quanto às suas opiniões, sentimentos, visão de mundo, o analista deve estar morto, no seguinte sentido: o de não intervir a partir de suas próprias medidas, de seu próprio saber, e convocar, assim, que o saber seja produzido pelo sujeito.

2- O saber teórico e o problema da formação do analista

“A tradição é o esquecimento das origens.”

Merleau Ponty ⁶

Se o analista não opera pelo lugar do mestre — aquele que sabe e oferece as respostas — onde se situa a questão do saber na psicanálise?

Lacan iniciou o seu ensino criticando justamente a ortodoxia que se formava na psicanálise pós freudiana, a qual buscava a fixação de uma técnica que reproduzia rigorosamente os ensinamentos do mestre Freud, como esse fosse o meio para manter viva a psicanálise.

“Há em todo saber, uma vez constituído, uma dimensão de erro, que consiste em esquecer a função criadora da verdade em sua forma nascente.”⁷, escreveu Lacan. “Por isso fez o que ele próprio chamou “um ensino”, e não uma teoria, porque a teoria implica parada, contemplação. Em qualquer teoria há um repouso sobre o adquirido.”⁸ A lição de Lacan é a substituição do sistema pela série.

No que diz respeito à transmissão do saber psicanalítico, e à formação de analistas, é que qualquer saber, qualquer teoria será insuficiente para dar conta do que pode emergir na experiência com o inconsciente. É com o real, algo da ordem da não inscrição, do não apreensível pelo saber, que o psicanalista tem de lidar constantemente.

A formação do analista, portanto, não se dá pela acumulação de conhecimento (o que não significa que do conhecimento possa prescindir), mas pela experiência com o inconsciente e com o real. “Não há formação analítica, há apenas formações do inconsciente”⁹

A psicanálise é uma práxis, é uma ferramenta de investigação do inconsciente. E é por isso que, para se autorizar enquanto psicanalista, é essencial que se tenha experienciado a própria análise. É fundamental que o analista tenha tido a própria experiência com o inconsciente.

Quanto ao saber, o psicanalista opera no sentido de permitir que ele possa ser desconcertado, a partir da noção de que todo saber tem um furo. Diante deste furo, na medida em que o analista consegue suportá-lo, é que o analisando pode avançar no processo da análise. O vazio faz ecoar para o sujeito as suas próprias mensagens, que as recebe de maneira invertida. O *saber-verdade* é extraído, então, da própria fala do sujeito.

Operar pelo não saber, não significa que o analista tenha que se contentar com a ignorância. “Sem dúvida, para estar fora do saber, é preciso sabê-lo.”¹⁰ Miller escreveu.

Em relação ao saber suposto, o analista nada sabe, mas há algo que o psicanalista sabe e nessa via ele aposta: que sujeito sabe sem saber que sabe.

3- A direção do tratamento e a ética da psicanálise

Quanto à direção da análise, Lacan escreveu assim: “o psicanalista certamente dirige o tratamento. O primeiro princípio desse tratamento [...] é o de que não deve de modo algum dirigir o paciente. [...] A direção do tratamento é outra coisa. Consiste, em primeiro lugar, em fazer com que o sujeito aplique a regra analítica.”¹¹

A única regra da psicanálise, a de que o sujeito fale e associe livremente, localiza o analista, em primeiro lugar, como aquele a quem se pode falar livremente.

Lacan é enfático ao localizar o lugar do analista como o “lugar do morto”¹², devendo estar morto enquanto sujeito, sem que seus sentimentos, suas fantasias e suas opiniões entrem na situação analítica. Ademais, acrescenta: “O analista [...] faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.”¹³

O princípio da abstinência, Freud apontou como um pilar fundamental para o exercício da prática analítica. O analista deve estar suficientemente abdicado de suas identificações para não entrar como sujeito.

Quanto à direção do tratamento psicanalítico, não é um protocolo que vai ordenar a prática analítica, mas uma ética - a ética centrada no desejo. No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan esclarece a questão sobre o que é o desejo, e aponta para o desejo em seu estado nascente, desvinculado de qualquer objeto. No lugar do objeto, há um vazio, uma falta radical que opera como motor do desejo.

A psicanálise, ao caminhar com a fala (e com as demandas) até os seus limites, se direciona para a possibilidade do sujeito se encontrar com o vazio estrutural a partir do qual foi constituído, com o campo da incompletude, que permite a ele se colocar como desejante.

4- Transferência e interpretação

Quanto à transferência, esta é tanto a mola para o desenvolvimento da análise, como pode ser o seu maior obstáculo. Pois é nela que o psicanalista tropeça. A transferência concede poder ao analista, e é justamente ao não se servir dele que o analista possibilita que a análise aconteça.

“Lacan postula que, pelo simples fato de haver transferência, o psicanalista está implicado na posição de ser aquele que contém o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, o agalma”.¹⁴

O desafio está posto para o analista quanto a sua capacidade de suportar o real na clínica. Ao escutar o drama do outro, o próprio analista se vê interpelado na sua posição de sujeito, na sua fantasia, nas suas marcas... e isso faz com que o analista pague existencialmente pelo seu lugar.

Nesse contexto, a supervisão é um pilar fundamental para a prática analítica. A supervisão funciona para localizar os pontos cegos que, emaranhado pelos laços da transferência, o psicanalista pode não perceber de suas próprias resistências. “A supervisão é uma constante limpeza do gozo do analista”¹⁵, escreveu Alvarenga.

A partir da transferência, o analista pode intervir por meio da interpretação. E o que seria interpretar?

A interpretação não é um dito esclarecedor. Não é um esclarecimento dado pelo analista do verdadeiro sentido oculto daquilo que foi trazido pelo paciente. “A ponto de Lacan formular, em 1966, esta frase abissal: ‘Uma interpretação da qual se compreende os efeitos não é uma interpretação psicanalítica.’”¹⁶

“A interpretação é uma intervenção que permite o exercício da função do Outro, de uma alteridade radical, e que a partir dela ele se interroga como sujeito, se percebe como sujeito (\$).”¹⁷

Cabe ainda observar que a interpretação vem pronta do Outro, e o analista apenas a recolhe. “Como Outro, o analista está na posição de receptor da mensagem inconsciente do analisando, ele a recolhe de modo tal que pode vir a repassá-la para seu maior interessado.”¹⁸

5- O discurso psicanalítico

Com a sua teoria sobre os quatro discursos, Lacan pôde dar lugar a uma compreensão mais ampla dos elementos fundamentais em jogo numa análise.

Coutinho Jorge escreve assim: “A distinção entre sugestão e transferência é decisiva para a psicanálise. [...] Se o discurso do mestre opera a partir do significante mestre (S_1), isso se dá na medida em que o significante tem o poder de recobrir a falha do sujeito $S_1/\$$.”¹⁹

Se o analisando convida o analista a responder como mestre, disso o analista se abstém e, respondendo de outro lugar, produz uma rotação no discurso.

No discurso do psicanalista, o analista opera no lugar de objeto *a*, apontando para o sujeito barrado, que leva o ser falante a produzir os significantes primordiais de sua própria história, que o constituíram e o instalaram num lugar de alienação diante do Outro.

Essa é a grande diferença entre as terapias que entregam soluções para o paciente, visando a pacificação da angústia, e a psicanálise, que coloca em evidência a divisão do sujeito, o que pode causar angústia, mas angústia essa que é necessária - e calculada, para que não se torne insuportável - para o trabalho.

“O analisando, como tal, está situado no discurso da histérica, cuja estrutura é a do sujeito (\$) que busca um mestre (S₁) para que ele produza saber (S₂) sobre o objeto do desejo (*a*). O psicanalista responde de um lugar (*a*) que implica uma rotação discursiva tal que o saber buscado pela histérica no outro, tomado como mestre, será buscado agora no próprio sujeito.”²⁰

Discurso da Histérica	Discurso do Analista	Discurso do Mestre
$\frac{\cancel{S} \rightarrow S_1}{a \quad S_2}$	$\frac{a \rightarrow \cancel{S}}{S_2 \quad S_1}$	$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\cancel{S} \quad a}$

Para isso serve o divã. Para que aconteça um curto-circuito na relação interpessoal e imaginária, e que o discurso seja direcionado não para a pessoa do analista, mas para o grande Outro, lugar de sua alienação.

O discurso do psicanalista coloca em evidência que o psicanalista é uma função, um lugar, e não uma identidade. Não existe uma imagem de analista a qual se identificar, isso seria da ordem do imaginário. Trata-se de realizar uma função, e função que se dá num momento, dentro de um contexto transferencial.

6-Conclusão

Quando iniciei essa pesquisa, as questões levantadas eram um pouco diferentes do caminho que eu acabei por percorrer. E que boa surpresa. Eu buscava encontrar, na literatura psicanalítica, algo que me indicasse com mais clareza o que fazer, enquanto analista, numa sessão. Sonhava com “a caixinha que oferece, em cada caso, a computação daquilo que se verificará.”²¹ Mas a psicanálise, antes de ser teoria, é práxis, uma ferramenta de investigação do inconsciente, e essa práxis se

passa num campo onde o real domina a cena. A boa interpretação é da ordem do novo, da criação, e pode se dar na escuta singular de cada caso. Fui buscar, na teoria, um saber constituído, e o ensino psicanalítico me apontou para o furo.

Com esse furo todo analista tem de se haver ao longo da prática. Como indica o discurso do psicanalista, é se posicionando neste furo que o analista é convocado à reinventar a psicanálise. E reinventar a psicanálise não significa recriá-la, significa manter vivo o seu movimento originário.

A psicanálise se mantém viva na medida em que insiste no vazio, no não saber, no real em jogo de cada experiência, e nos nossos limites enquanto seres da palavra.

O saber último, aquele que poria fim à busca, não existe. Existem saberes, não-todos. E na clínica, existe a série, o um a um.

Referências bibliográficas

- 1- LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958. p. 593
- 2- LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958. p. 592.
- 3- Lacan, J., (1974) Conférence de presse du docteur Jacques Lacan au Centre culturel français, Rome. op. cit., pp. 6-26.
- 4-PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Seminário sobre a direção do tratamento* São Paulo: YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QRCTm2ndYOA>. Acesso em: 9 nov. 2025.
- 5-LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958. p. 595
- 6-MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 7- LACAN citado em MILLER, Jacques-Alain. A “formação” do analista. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 37, set. 2003. Edição temática: *Prática Lacaniana*. p. 5–34.
- 8-MILLER, Jacques-Alain. A “formação” do analista. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 37, set. 2003. Edição temática: *Prática Lacaniana*. p. 5–34.
- 9- LACAN citado por MILLER, Jacques-Alain. In. A “formação” do analista.

- 10-MILLER, Jacques-Alain. A “formação” do analista. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 37, set. 2003. Edição temática: *Prática Lacaniana*.
- 11- LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958. p. 589–642.
- 12 e 13 - LACAN, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1958. p. 595–596.
- 14-JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.186
- 15- ALVARENGA, Eliana. *A variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- 16-MILLER, Jacques-Alain. A “formação” do analista. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 37, set. 2003. Edição temática: *Prática Lacaniana*.
- 17-PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Seminário sobre a direção do tratamento* São Paulo: YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QRCTm2ndYOA>. Acesso em: 9 nov. 2025.
- 18-JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.204
- 19-JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.314
- 20- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica*. v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.314
- 21- MILLER, Jacques-Alain. A “formação” do analista. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 37, set. 2003. Edição temática: *Prática Lacaniana*.